

A ORAÇÃO DOS SALMOS

À medida que lemos a Bíblia, deparamo-nos continuamente com orações de vários tipos. Mas também encontramos um livro composto apenas de preces, um livro que se tornou pátria, ginásio e casa de incontáveis orantes. Trata-se do livro dos Salmos. São 150 Salmos para recitar.

Faz parte dos livros sapienciais, porque comunica o “saber rezar” através da experiência do diálogo com Deus. Nos Salmos encontramos todos os sentimentos humanos: alegrias, tristezas, dúvidas, esperanças e amarguras que coloram a nossa vida. O *Catecismo* afirma que cada Salmo “é de tal sobriedade que pode, com verdade, ser rezado pelos homens de qualquer condição e de todos os tempos”.⁶⁵ Ao ler e reler os Salmos, aprendemos a linguagem da oração. Efetivamente, com o seu Espírito, Deus Pai inspirou-os no coração do rei Davi e de outros orantes, para ensinar cada homem e cada mulher a louvá-lo, a dar-lhe graças, a suplicá-lo, a invocá-lo na alegria e na tristeza, a narrar as maravilhas das suas obras e da sua Lei. Em síntese, os Salmos são a Palavra de Deus que nós, humanos, usamos para falar com Ele.

Nesse livro não encontramos pessoas etéreas nem abstratas, pessoas que confundem a oração com uma experiência estética ou alienante. Os Salmos não são textos compostos de forma teórica, são invocações, muitas vezes dramáticas, que nascem da experiência viva da existência. Para os recitar, basta ser quem somos. Não devemos esquecer que, para rezar bem, devemos orar assim como somos, sem nos maquiarmos. Não é preciso maquiarmos

a alma para rezar. “Senhor, sou assim”, ir diante do Senhor como somos, com as coisas boas e também com as más que ninguém conhece, mas nós, dentro, conhecemos. Nos Salmos ouvimos as vozes de orantes de carne e osso, cuja vida, como a de todos, está repleta de problemas, dificuldades e incertezas. O salmista não contesta radicalmente esse sofrimento: ele sabe que pertence à vida. Contudo, nos Salmos o sofrimento transforma-se em interrogação. Do sofrer ao perguntar.

E entre as muitas perguntas, há uma que permanece suspensa, como um brado incessante que percorre todo o livro de um lado ao outro.

Uma pergunta, que repetimos muitas vezes: “Até quando, Senhor? Até quando?”. Cada dor pede libertação, cada lágrima invoca consolação, cada ferida aguarda a cura, cada calúnia, uma sentença de absolvição. “Até quando, Senhor, tenho de sofrer isto? Ouça-me, Senhor!”: quantas vezes rezamos assim com este “até quando?”, Senhor, chega!

Ao fazer constantemente tais perguntas, os Salmos nos ensinam a não nos habituarmos à dor e nos lembram que a vida não se salva, se não for curada. A existência do homem é um sopro, a sua história é fugaz, mas o orante sabe que é precioso aos olhos de Deus, e por isso tem sentido bradar. Isto é importante. Quando rezamos, fazemo-lo porque sabemos que somos preciosos aos olhos de Deus. É a graça do Espírito Santo que de dentro suscita em nós esta consciência: de ser preciosos aos olhos de Deus. E por isso somos induzidos a rezar.

A oração dos Salmos é o testemunho deste grito: um brado múltiplo, porque na vida a dor assume mil formas, e tem o nome de doença, ódio, guerra, perseguição, desconfiança... Até o

supremo “escândalo”, o da morte. A morte aparece no Saltério como o inimigo mais irracional do homem: que crime merece um castigo tão cruel, que envolve a aniquilação e o fim? O orante dos Salmos pede a Deus que intervenha onde todos os esforços humanos são vãos. É por isso que a oração, já em si mesma, é o caminho da salvação, o início da salvação.

Neste mundo todos sofrem: quer acreditemos em Deus, quer o rejeitemos. Mas no Saltério, a dor torna-se relação, relação: um grito de ajuda à espera de encontrar um ouvido que ouça. Não pode permanecer sem sentido, sem propósito. Até as dores que sofremos não podem ser apenas casos específicos de uma lei universal: são sempre as “minhas” lágrimas. Pensem nisto: as lágrimas não são universais, são as “minhas” lágrimas. Cada um tem as próprias. As “minhas” lágrimas e a “minha” dor me impelem a continuar com a oração. Sou as “minhas” lágrimas que jamais ninguém derramou antes de mim. Sim, muitos choraram, muitos. Mas as “minhas” lágrimas são as minhas, o “meu” sofrimento é meu, a minha dor é minha.

Antes de entrar na sala, encontrei-me com os pais daquele sacerdote da diocese de Como que foi assassinado; ele foi morto no seu serviço para ajudar. As lágrimas daqueles pais são “deles”, e cada um deles sabe quanto sofreu ao ver este ilho que deu a sua vida ao serviço dos pobres. Quando queremos consolar alguém, não encontramos as palavras. Por quê? Porque não podemos chegar à sua dor, porque a “sua” dor é sua, as “suas” lágrimas são suas. O mesmo acontece conosco: as lágrimas, “a minha” dor é minha, as lágrimas são “minhas” e com estas lágrimas, com este sofrimento, dirijo-me ao Senhor.

Para Deus, todas as dores dos homens são sagradas. Assim reza o orante do Salmo 56: “Vós conheceis os caminhos do meu exílio, vós recolhestes as minhas lágrimas no vosso cantil; não está tudo escrito no vosso livro?”.⁶⁶ Diante de Deus não somos desconhecidos, nem números. Somos rostos e corações, conhecidos um por um, pelo nome.

Nos Salmos, o crente encontra uma resposta. Ele sabe que, mesmo se todas as portas humanas estiverem trancadas, a porta de Deus está aberta. Mesmo se o mundo inteiro emitisse um veredito de condenação, em Deus há salvação.

“O Senhor ouve”: às vezes na oração é suficiente saber isto. Os problemas nem sempre se resolvem. Quem reza não é um iludido: sabe que muitas questões da vida terrena permanecem sem solução, sem saída; o sofrimento acompanhar-nos-á e, após uma batalha, haverá outras que nos esperam. Mas, se formos ouvidos, tudo se torna mais suportável.

A pior coisa que pode acontecer é sofrer no abandono, sem ser recordado. É disto que a oração nos salva. Pois pode acontecer, e até frequentemente, que não compreendamos os desígnios de Deus. Mas os nossos gritos não estagnam aqui na terra: elevam-se até ele, que tem o coração de Pai e chora por todo ilho e ilha que sofre e morre. Digo a vocês uma coisa: faz-me bem, nos maus momentos, pensar no pranto de Jesus, quando chorou olhando para Jerusalém, quando chorou diante do túmulo de Lázaro. Deus chorou por mim, Deus chora, chora pelas nossas dores. Porque Deus quis fazer-se homem, dizia um escritor espiritual, para poder chorar. Pensar que Jesus chora comigo na dor é uma consolação: ajuda-nos a seguir em frente. Se nos mantivermos numa relação com ele, a vida não nos poupa os

sofrimentos, mas abre-se a um grande horizonte de bem e encaminha-se para a sua realização. Coragem, em frente com a oração. Jesus está sempre ao nosso lado.

Audiência geral 14 de outubro de 2020

* * *

Hoje temos de mudar um pouco o modo de realizar esta audiência devido ao coronavírus. Vocês estão distanciados, também protegidos pela máscara, e eu estou aqui, um pouco afastado, e não posso fazer o que faço sempre, aproximar-me de vocês, pois, cada vez que me aproximo, vocês se aproximam todos uns dos outros e perde-se a distância e há o perigo de contágio para vocês. Lamento fazer isto, mas é para a sua segurança. Em vez de me aproximar de vocês, apertando as mãos e saudando, cumprimentamo-nos de longe, mas saibam que estou perto de vocês com o coração. Espero que compreendam por que estou fazendo isso. Depois, enquanto os leitores liam a passagem bíblica, chamou a minha atenção aquele menino ou menina que chorava. E vi a mãe que abraçava e amamentava o bebê e pensei: “É assim que Deus faz connosco, como aquela mãe”. Com quanta ternura segurava o bebê, para o amamentar. Essas são belas imagens. E quando isto acontece na Igreja, quando um bebê chora, sabemos que existe a ternura de uma mãe, como hoje, existe a ternura de uma mãe que é o símbolo da ternura de Deus para connosco. Nunca silenciar uma criança que chora na Igreja, nunca, porque é a voz que atrai a ternura de Deus. Obrigado pelo testemunho.

Hoje completamos a catequese sobre a oração dos Salmos. Antes de mais, notamos que, nos Salmos, aparece frequentemente uma figura negativa, a do “ímpio”, ou seja, aquele ou aquela que vive

como se Deus não existisse. É a pessoa sem qualquer referência ao transcendente, sem freios na sua arrogância, que não teme o julgamento sobre o que pensa e o que faz.

Por esta razão, o Saltério apresenta a oração como a realidade fundamental da vida. A referência ao absoluto e ao transcendente – a que os mestres da ascese denominam “temor sagrado de Deus” – é o que nos torna plenamente humanos, é o limite que nos salva de nós mesmos, impedindo que nos aventuremos nesta vida de modo predatório e voraz. A oração é a salvação do ser humano!

Certamente, existe também uma oração falsa, uma prece feita apenas para sermos admirados pelos outros. Aquele ou aqueles que vão à missa apenas para mostrar que são católicos ou para exibir o último modelo que compraram, ou para fazer boa figura social. Esses vão a uma oração falsa. Jesus advertiu fortemente a esse respeito⁶⁷. Mas quando o verdadeiro espírito de oração é acolhido com sinceridade e entra no coração, então nos faz contemplar a realidade com o olhar do próprio Deus.

Quando rezamos, tudo adquire “profundidade”. Isto é curioso na oração, talvez começemos por uma coisa sutil, mas, na oração, essa coisa adquire espessura, adquire peso, como se Deus a tomasse nas suas mãos e a transformasse. O pior serviço que pode ser prestado, a Deus e também ao homem, é rezar com tédio, de maneira habitudinária. Rezar como papagaios. Não, reza-se com o coração. A oração é o centro da vida. Se houver oração, o irmão, a irmã, até o inimigo, torna-se importante. Um antigo ditado dos primeiros monges cristãos reza: “Abençoado é o monge que, depois de Deus, considera todos os homens como Deus”.⁶⁸ Quem adora Deus, ama os seus filhos. Quem respeita Deus, respeita os seres humanos.

Por esta razão, a oração não é um calmante para aliviar as ansiedades da vida; ou, contudo, uma prece deste tipo certamente não é cristã. Ao contrário, a oração responsabiliza cada um de nós. Vemos isto claramente no “Pai-nosso”, que Jesus ensinou aos seus discípulos.

Para aprender este modo de rezar, o Saltério é uma grande escola. Vimos que os Salmos nem sempre usam palavras requintadas e gentis, e muitas vezes têm as cicatrizes da existência. No entanto, todas estas orações foram utilizadas primeiro no Templo de Jerusalém e depois nas sinagogas; até as mais íntimas e pessoais. Assim se expressa o *Catecismo da Igreja Católica*: “As expressões multiformes da oração dos Salmos tomam forma, ao mesmo tempo, na liturgia do templo e no coração do homem”.⁶⁹ E deste modo a oração pessoal haure e alimenta-se primeiro daquela do povo de Israel e depois daquela do povo da Igreja.

Inclusive os Salmos na primeira pessoa do singular, que confidenciam os pensamentos e os problemas mais íntimos de um indivíduo, são patrimônio coletivo, a ponto de serem recitados por todos e para todos. A oração dos cristãos tem este “respiro”, esta “tensão” espiritual que mantém unidos o templo e o mundo. A prece pode começar na penumbra de uma nave, mas depois acaba a sua corrida pelas ruas da cidade. E vice-versa, pode germinar durante os afazeres diários e encontrar o seu cumprimento na liturgia. As portas das igrejas não são barreiras, mas “membranas” permeáveis, disponíveis para acolher o clamor de todos.

O mundo está sempre presente na oração do Saltério. Os Salmos, por exemplo, dão voz à promessa divina de salvação dos mais frágeis: “Por causa da a lição dos humildes e dos gemidos dos

pobres, levantar-me-ei – diz o Senhor – para lhes dar a salvação que desejam”.⁷⁰ Ou alertam para o perigo das riquezas mundanas, porque “o homem que vive na opulência e não re lete é semelhante ao gado que se abate”.⁷¹ Ou, ainda, abrem o horizonte ao olhar de Deus sobre a história: “O Senhor desfaz os planos das nações pagãs, reduz a nada os projetos dos povos. Só os desígnios do Senhor permanecem eternamente, os pensamentos do seu coração por todas as gerações”.⁷²

Em síntese, onde está Deus, deve estar também o homem. A Sagrada Escritura é categórica: “Mas amamos, porque Deus nos amou primeiro – ele está sempre à nossa frente. Ele espera sempre por nós porque nos ama primeiro, ele olha para nós primeiro, ele compreende-nos primeiro. Ele espera sempre por nós – Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê. – Se rezas muitos terços por dia, mas depois falas mal de outros, e depois sentes rancor interior, ódio contra o próximo, isto é puro artifício, não é verdadeiro. – De Deus recebemos este mandamento: aquele que amar a Deus, ame também ao seu irmão”.⁷³ A Escritura admite o caso de uma pessoa que, mesmo procurando sinceramente a Deus, nunca consegue encontrá-lo; mas afirma também que nunca se pode negar as lágrimas dos pobres, sob pena de não encontrar a Deus. Deus não suporta o “ateísmo” daqueles que negam a imagem divina impressa em cada ser humano. Aquele ateísmo quotidiano: acredito em Deus, mas com os outros mantenho a minha distância e permito-me odiar os outros. Isto é ateísmo prático. Deixar de reconhecer a pessoa humana como imagem de Deus é um sacrilégio, uma abominação, é a pior ofensa que se pode levar ao templo e ao altar.

Estimados irmãos e irmãs, que a oração dos Salmos nos ajude a não cair na tentação da “impiedade”, ou seja, de viver, e talvez até de rezar como se Deus não existisse, como se os pobres não existissem.

Audiência geral 21 de outubro de 2020

CAPÍTULO 10

⁶⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2588.

⁶⁶ Sl 56,9.

⁶⁷ Cf. Mt 6,5-6; Lc 9,14.

⁶⁸ Evágrio Pôntico, *Tratado sobre a oração*, n. 123.

⁶⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2588.

⁷⁰ Sl 12,6.

⁷¹ Sl 49,21.

⁷² Sl 33,10-11.

⁷³ 1Jo 4,19-21.